

MEMÓRIA & VIDA

Jusinélio Meireles Serrão¹

Resumo: O presente texto trata do memorial sobre a trajetória escolar de **Jusinélio Meireles Serrão**, ex-integrante do Programa Conexões de Saberes. Tem como objetivo apresentar os passos percorridos desde o início da educação básica até a entrada à UFPA e quais os principais entraves de estudantes das comunidades populares adentrarem o ensino superior público. A memória foi usada como principal referência para construção do material. Em seus resultados, apresenta os esforços individual e coletivo para que de fato a educação seja uma questão de direito e não de privilégio de poucos.

Introdução

Quando me foi proposto esse memorial, tive muitas dúvidas relacionadas ao início. Esse início poderia ser do momento que ingressei na universidade ou do momento que freqüentei a primeira escola com meus três anos – apesar de não lembrar muita coisa desse período –, quando fui deixado pela minha mãe... ou será que foi meu pai?... Mas o importante é que esse foi o início. Isso fez lembrar Pollak (1992, p. 4) que, em seu artigo *Memória e identidade social*, trabalha os diferentes níveis de memória e relata que *a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado*. Assim, chegar a um consenso de que tenho certeza de episódios já vividos é um fato irrelevante e que, dentro da teoria de Pollak, seria chamado de “*acontecimentos*”.

Nesse meio, entre a alfabetização e a universidade, não posso deixar de lembrar o primeiro ano do que é hoje o Ensino Fundamental e o primeiro ano do Ensino Médio e do pós-Ensino Médio, que era para ser de imediato à Universidade. No entanto, esse foi considerado período de enriquecimento de conhecimento de mundo causado pelo adiamento do sonho universitário.

Esses foram momentos que proporcionaram reflexões sobre o que iria acontecer daquele dia em diante. Do pensamento sobre o que iria acontecer com o meu futuro universitário e profissional, *o que você vai ser quando crescer*, ao momento de perceber uma

¹ Acadêmico* do Curso de Licenciatura Plena em Letras da UFPA, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, e-mail: conexoesmulticampi@yahoo.com.br

*atualizado pela última vez em 2008.

realidade. Mas a vida é assim mesmo, as pessoas nunca sabem o que irão encontrar pela frente. A vida é um caminho obscuro. Não porque eu seja pragmático, mas pelo fato das pessoas serem capazes de transformar seus próprios caminhos e mudarem assim que tenham uma oportunidade.

Nesse contexto, alguns têm o desejo de seguir a vida acadêmica, mas deixam de lado isso por força de um mundo que é injusto e cruel, ou até mesmo pela negligência das pessoas que têm tudo para seguir, mas não vão em frente. Mas, como diz o provérbio, *Deus dá asas para quem não sabe voar*.

Outro ponto a ser abordado é o período entre o *início* (alfabetização) e o Ensino Médio, que marca dois momentos históricos ocorridos no Brasil e em Mocajuba (minha cidade natal): o final de uma ditadura, dando início a uma democracia concretizada pelas *Diretas Já*, junto de uma desvalorização desastrosa da moeda brasileira, e o auge da pimenta-do-reino em Mocajuba, fundamentado pela grande procura da matéria-prima em virtude da falta do produto no exterior.

Após as turbulências ocorridas nos anos 90 e primeiros anos do século XXI, chega a oportunidade de continuar uma jornada tão procurada por muitas pessoas: a universidade.

Diante disso, procurarei esboçar com o mais puro afeto e coragem a minha trajetória de vida acadêmica, procurando me deter nos detalhes mais importante do comentário de um ciclo que acredito estar apenas começando.

1ª parte

“Vamos celebrar nosso governo
E nosso estado que não é nação”
(Renato Russo)

Esse era o clima do momento em que entrei pela primeira vez em uma escola, o “início” (alfabetização) de vida, de esperança, de uma trajetória escolar. Era o período do final de um sistema de governo – a Ditadura Militar, iniciada em 1964 – que forçava as pessoas a fazerem o que não queriam. Não tínhamos direitos de voz. Nesse clima, surgem várias pessoas que resolvem enfrentar a censura e a repressão, cantando hinos de protestos, a fim de acordar as outras pessoas para seguirem a luta travada por eles.

Mas é claro que eu não tinha idéia do que estava acontecendo naquele mundo de gigantes. Isso é o melhor de tudo.

A luta travada contra a ditadura já vinha muito antes de meu nascimento e o desejo de ter um país que se pudesse falar e agir da forma que bem se entendesse, livre de pressões e repressões, fez com que surgissem correntes revolucionárias dentro da arte, da cultura, da política etc., que tomaram frente como, por exemplo, o movimento tropicalista.

O tropicalismo foi um movimento cultural que durou pouco tempo – cerca de 18 meses, revolucionando principalmente o campo da música – mas teve um alto grau de aceitação da massa popular, já que tentava revelar as contradições próprias da realidade brasileira, mostrando o nacional e estrangeiro, fugindo dos padrões da bossa nova que já estava, de certa forma, sendo usada pela ditadura com seus versos de conformismo e alienação – isso porque as letras não tinham caráter de protesto.

Na verdade, *a Tropicália não pretendia sintetizar um estilo musical, mas sim instaurar uma nova atitude: sua intervenção na cena cultural do país foi, antes de tudo, crítica* (HERRERO, [s.a.], não paginado). Após a queda do movimento sobre esta influência, surgiram grupos como Legião Urbana, que traçaram o mesmo caminho da crítica ao *sistema*.

2ª parte

Tempo de sonhar

Chegar ao Ensino Médio para mim foi muito satisfatório e de grande felicidade porque tive a chance de ser acompanhado pela minha mãe. Ela concluiu o Ensino Fundamental no mesmo ano que eu e partimos juntos para o Ensino Secundarista. Mas ela não pôde me acompanhar por muito tempo, por motivo de ser mãe e ter que cuidar de uma família de oito pessoas. Meu pai fez tudo o que pôde para tentar fazer com que ela conseguisse concluir o Médio, mas não foi possível.

Somos de família humilde e tudo o que temos foi graças ao esforço de meu pai – com a ajuda de minha mãe –, principalmente no período do auge da pimenta-do-reino². Essa foi

² A pimenta-do-reino é uma planta trepadeira originária da Índia. Representava, na região, a maior fonte de renda e geração de emprego. Já que era cultivada em larga escala, era considerada uma monocultura de plantação. Ainda se vive dessa monocultura, mas não como a principal fonte de renda.

uma época de muita prosperidade. Mas depois das *Diretas Já* – movimento para democratização da República e derrubada da ditadura – as coisas começaram a mudar; o país começou a entrar em crise por causa das dívidas contraídas pelos militares. Houve mudanças em nossa moeda, na tentativa de valorizá-la em relação à moeda do exterior (dólar).

Nesse contexto, com o surgimento de outros fornecedores da pimenta-do-reino pelo mundo afora, Mocajuba, assim como o país, também entrou em crise financeira. Essa crise se refletiu muito sobre o período secundário, fazendo com que minha mãe largasse a escola para cuidar da casa e, dessa forma, ajudar meu pai no sustento da família.

O sonho de minha mãe não terminou quando ela parou de estudar. Ela se sacrificou para que eu pudesse seguir o meu sonho, o de conseguir uma vida estável através do estudo. É o que todos que têm a oportunidade de estudar almejam.

Em seu livro *FREUD e o inconsciente*, Luiz Alfredo Garcia-Rosa, a respeito de sonhos, escreve: *sonhos são realizações do desejo* (GARCIA-ROSA, 2004, p. 63). Segundo Garcia-Rosa, essa era uma das afirmações de Freud em relação ao sonho. Assim, o sonho existe para que possamos ter forças em acreditar e conseguir algo que queremos; é a força que move um ideal, uma ideologia; é o ponto de partida para uma conquista. Sem um sonho, não somos capazes de dar um passo a frente, por ser um referencial que será adotado sempre que quisermos chegar a algum lugar.

3ª parte

Digressão

A expectativa de começar um ciclo acadêmico foi continuada quando entrei para universidade, depois de ter me ausentado por um longo período da escola. Esse foi um período de muitas aventuras, acontecidas depois que terminei o Ensino Médio. Muitos me crucificaram, mas fazia a mesma coisa tudo de novo. Isso porque tive que sair para estudar fora da minha cidade, coisa que acontece com frequência em cidades pequenas, para se ter a chance de uma profissão na vida. Não queria sair de minha terra, mas o *sistema* não nos deixa alternativa, já que o nível de ensino do município *era, e é*, muito abaixo daqueles exigidos para competição. Mas esse é um problema de todo setor público de ensino.

Lembro-me do momento em que entrei em uma sala de aula de um cursinho da capital (Belém): o nível de ensino era impressionante. Achava que tinha voltado para o fundamental, porque não sabia nada. Isso porque o ensino que era usado em minha cidade era aquele em que o educador tinha somente a preocupação de colocar a informação na cabeça do educando, transformar o aluno em um depósito de informação, retraindo a capacidade de pensar do aluno. Este método, Freire (1987) definiu como uma *educação 'bancária'*.

O método em questão é criticado por Freire, pois deixa o educando na posição de *fantoche*, sendo manipulado pelo educador. Diante disso, Freire (1987) propõe uma educação que leve em consideração o aluno, seus conhecimentos prévios de mundo: é a educação transformadora ou *libertadora*. Esse é o estudo da realidade. Levar a realidade do aluno para a sala de aula e discutir essa realidade. Tornar o aluno parte do assunto estudado, instigando-o a assumir cada vez mais a função de cidadão formador de idéias, fazendo fluir a interação entre o educador e o educando.

Elvira Lopes Nascimento faz uma análise sobre a interação na sala de aula, dizendo que:

Diante do desvio de ensinar a escrever textos e a exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e não-escolares, o professor precisa criar contexto de produção determinados, implementar atividades ou exercícios variados que permitam aos alunos apropriarem-se dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita nas mais diversas situações de comunicação. (NASCIMENTO (s.a.) p.1)

Desse modo, Nascimento acredita que a interação só é efetivada se o professor instigar o aluno a interagir na sala de aula, criando métodos que possibilitem maior envolvimento voluntário, ou mesmo involuntário de um aluno. Um desses métodos, segundo Nascimento ([s.a.] p.3), é a discussão, pois esse é *um instrumento privilegiado de reflexão e construção conjunta de diversos conteúdos*, fazendo com que o mesmo exponha suas próprias sugestões, dúvidas e significados; além do mais, o aluno se torna mais confiante e autônomo no seu pensamento, libertando-se das lições dos livros que são dominadas pelos professores.

Não tive a oportunidade de experimentar essas *teorias* no fundamental e médio, talvez porque estudava em escola pública de uma cidade pequena, ou porque a escola se preocupasse em atender uma classe dominante, como bem observa Marilena Chauí (2000). Mas ao me deparar com a uma *escola da elite* (cursinho), fiquei no que Silviano Santiago (1998) chama

de *entre – lugar*, já que naquele momento tive dúvidas se sabia alguma coisa ou não sabia nada – se bem que o pensamento estava mais para não saber nada. Fui forçado a me adaptar a esse novo mundo, porque quem quer vencer tem que correr atrás e buscar a diferença. Pensava em minha família. Pensava no duro que eles davam para me manter estudando – pagando escola, condução para escola, almoço, merenda e janta – sem deixar faltar nada, mesmo com as dificuldades que encontramos no dia-a-dia – meu pai trabalhava em nossa pequena oficina de bicicleta e minha mãe era dona-de-casa.

4ª parte

“Educação é transmissão de cultura.”
(Terezinha Azevedo Rios)

Essa última parte do memorial reservei para os comentários sobre minha carreira universitária. Já menciono que não terá um final, porque estou vivendo esse momento. Em um trabalho futuro, com certeza relatarei esse período com todos os detalhes. Mas não posso deixar de comentar sobre os primeiros anos de universidade.

Na verdade, pensei que universidade era um instituto que englobava de forma geral a participação do aluno no que diz respeito à interação. No primeiro momento, vi que continuava preso em um sistema educacional tradicional. Aquilo que pregavam e afirmavam sobre universidade foi por água abaixo, pois entendi nesse momento que eu era um simples aluno que não tinha vez nem voz. Sentia-me sufocado, com vontade de participar e interagir, mas não conseguia vez.

Foi nesse momento que comecei a observar que isto que chamam de universidade não é nada universal, e sim um centro de disputa de poder, chegando, até mesmo, a se tornar uma questão partidária. Foi nesse momento que entendi que nós, como alunos, éramos apenas marionetes manipuladas pelos interesses dos outros.

A partir daí, comecei a tomar consciência de que só poderia me tornar um aluno crítico se fizesse por mim, isto é, passei a procurar entender esse universo que de nada, como já falei, tinha de universal. Fui me informando, estudando, ganhando meu espaço e procurando aprender, me relacionando com pessoas críticas e formadoras de opinião.

Neste contexto, descobri que nós podemos ser manipulados pelos outros, se não procurarmos mudar. Então resolvi sair da sombra da insegurança e criei coragem para expressar minhas idéias e me tornar um sujeito formador de opinião, capaz de discernir e refletir sobre questões simples ou complexas.

Nesse sentido, é permitido dizer que *educação é transmissão de cultura* (RIOS, 1995, p.30), pois através da educação pude encontrar uma sociedade – a sociedade acadêmica – um tanto diferente e complicada, como todas as outras, e nessa sociedade estou aprendendo a cada dia um pouco mais da cultura, dos costumes e dos conhecimentos oferecidos pelas pessoas que pertencem a essa comunidade.

Referências Bibliográficas

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 7ª ed. São Paulo: Ática 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. **FREUD e o inconsciente**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, pg. 61 a 92.

HERRERO, Rodrigo. **A retomada antropofágica do tropicalismo**: movimento revolucionou a forma de encarar arte e cultura no Brasil em plena ditadura militar. Disponível em: <<http://www.rabisco.com.br/44/tropicalia.htm>> acessado no dia 15 maio 2008.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. **Interação em sala de aula: a transposição didática de gêneros orais do argumentar**. UEL. Pg. 1 a 18.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>> acessado no dia 23 de Jan 2008.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>> acessado no dia 23 de Jan 2008.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e competência.** Vol.16 - 3ªed. São Paulo: Cortez, 1995 p. 29-44.

RUSSO, Renato. **Perfeição.** In: Legião Urbana. **O descobrimento do Brasil.** [s.l.: s.n.]. 1993. 1CD. Faixa 04.

SANTIAGO, Silviano. **O entre - lugar do discurso Latino-americano.** In:_____. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural.** São Paulo: Perspectiva,1998, p. 11 a 28.